

Chegou a andar vários quilómetros a pé, com a forja de campanha às costas, e apesar do sacrifício, a obrigação de servir os outros sempre falou mais alto. O que fazia não era por dinheiro, mas pela satisfação de atender quem precisava dos seus serviços, e por isso, nunca se queixou. Havia sido seu pai a ensinar-lhe o dever, e jamais o quis defraudar. Nem mesmo quando a paga lhe parecia pouca.

O ofício de ferreiro nunca deu para luxos, e foi com dificuldade que conseguiu sustentar a família e criar uma filha. Sempre ganhou pouco, e mesmo assim, ainda se lembra de ocasiões em que teve de receber em espécie, porque as pessoas não tinham dinheiro para lhe pagar: alqueires de farinha, carne de porco, azeite e outros produtos para casa.

Pergunto-lhe quando é que ganhava na altura. - Era o que o meu pai me quisesse dar. Nunca fui homem de pedir nada, mas também nunca passei fome e sempre me senti bem aqui. Só quando ele teve uma trombose, é que me desanimci um pouco... Segundo me conta, foi nessa altura que o convidaram para trabalhar numa cooperativa, mas ele não aceitou. - Ganhava seis contos por mês, ordenado que me permitia viver melhor do que hoje com quinhentos euros, o ordenado que um ferreiro poderia tirar, caso ainda existisse trabalho. Mas, infelizmente, a procura escasseia, assim como aprendizizes para o ofício, pois à parte de machados para tirar cortiça, pouco mais há para fazer.

É por isso, que a sua oficina, uma das mais tradicionais da região, terá de fechar portas quando o mestre desaparecer: Uma ideia que o entristece, pois será o final da história de duas gerações.

De repente, a voz do Joaquim fica entrecortada pela emoção, mas nem assim deixa de malhar. De olhar preso à bigorna, martela insistentemente a lâmina do machado que está a criar, descarregando talvez um pouco da sua mágoa. As mãos, confundem-se com o próprio martelo e com o machado, numa conjugação perfeita entre criador, ferramenta e peça criada.

Para mudar de assunto, pergunto-lhe quanto tempo leva a fazer um machado, e quanto cobra pelo mesmo. - Cerca de meio-dia e vendo-o por sessenta euros, ainda que conheça ferreiros que pedem cem. Mas eu prefiro levar menos. Agora, reparar... há trinta anos, este machado podia custar duzentos escudos. Portanto, é só fazer contas para entender a razão pela qual já ninguém quer aprender o ofício.

Forcado



A História dos Forcados

Os moços de forçado, ou pegadores de touros, terão surgido, segundo Luis Peppé⁽⁴³⁾, nas corridas do Terreiro do Paço, em 1661, aquando da celebração do casamento da infanta D. Catarina de Bragança com o rei de Inglaterra, Carlos II. Os moços de forçado, saíram, então, armados de garrochões,⁽⁴⁴⁾ e entusiasmaram a multidão, ao pegar de caras. Entusiasmado mais que justificado, já que nas corridas da altura, os touros saíam em pontas, o que significa que não eram embolados, algo que só se começou a fazer no reinado seguinte, de D. Afonso VI, por ordem da rainha Maria Francisca Isabel de Sabóia, com medo de que seu esposo, muito dedicado a estas audácias, pudesse sofrer algum acidente. Relativamente à origem dos forçados, Joaquim Grave,⁽⁴⁵⁾ afirma que, esta terá estado, provavelmente, nos moços que usavam os forçados ou forquilhas nos trabalhos agrícolas. Naquela altura, era frequente chamar os trabalhadores principiantes a intervir na faena, que consistia em meter os touros bravos castrados à canga, uma tarefa bastante difícil e que implicava algum risco. E assim, quando o capataz previa alguma dificuldade, chamava os “moços dos forçados” para ajudarem na operação. Independentemente das suas origens, a verdade é que os forçados, começaram a ganhar de enorme popularidade, desde a primeira pega de caras, sendo admirados pela sua valentia e coragem. De facto, desde os seus inícios, que a pega foi considerada

(43) PEPE, Luis, *Vitória Fois: Páginas da História do Torneio equestre e consideração acerca de fto portuguesa arte*, Coleção Galeria do Alcaideado, n.º 1, Lisboa.

(44) Garrocha grande de picar touros a cavalo.

(45) GRAVE, Joaquim, *Arte, Oficina do Touro*, Lisboa, 2000.

Forcado



um acto de bravura, sobre o qual muito se escreveu. Ramalho Ortigão, por exemplo, enalteceu o desmemor com que os forcados se dedicavam à faena, e Augusto de Castro, definiu a pega, como um acto de bravura, exclusivo do nosso país.

Nos séculos XVII e XVIII, as corridas eram ocasiões de enorme luxo e fausto, não só na apresentação dos cavaleiros e lacaios, como na decoração dos cavalos e nas colgaduras dos palcos. A sumptuosidade do espectáculo, não falavam os dourados coches reais e da nobreza, nos quais suas majestades e a corte faziam a sua aparição, sendo transportados até à respectiva tribuna, momento a partir do qual se dava início ao torneio. A guardar a entrada, filas de alabardeiros entravam em acção, quando o touro investia, utilizando a alabarda como instrumento de defesa – era a Casa da Guarda, simulada, actualmente, nas corridas à antiga portuguesa, pelos homens do forcado.

No que se refere à história dos forcados, propriamente dita, destaque para algumas alterações do seu percurso, que poderiam ter abalado a sua reputação, na medida em que desvirtuaram um pouco a essência da arte.

A este respeito, merece referência o período, em que os forcados deixaram de ser amadores e passaram a profissionais. Uma transformação, que produziu tal desvirtuação, que nos anos trinta, por exemplo, a realidade dos forcados profissionais, que predominavam sobre os amadores, pouco tinha a ver com o espírito de dedicação e entrega que lhes era característico. O que existia, era uma motivação económica, que se sobrepunha à execução técnica e artística da pega, fazendo com que a história, não guardasse memória de forcados da altura dignos de referência.

Os que abundavam eram brígões, arnuaceiros e marialvas, espécies, felizmente, em vias de extinção nestas lides. É que, como dizem os próprios forcados, não há dinheiro suficiente, capaz de pagar a dedicação e entrega com que arriscam a vida, pelo que preferem o orgulho de enfrentar o touro por pura satisfação, com desprezo pelo dinheiro que jamais a poderá pagar. Motivou pelo qual, há quem os considere o parente rico do espectáculo tauromáquico (e não o pobre), na medida em que estão na festa por verdadeira paixão, sem esperar nada em troca, a não ser o reconhecimento do seu valor. E foi, por tal razão, que a modalidade dos forcados amadores, acabou por se impor aos profissionais, permitindo, no dizer dos entusiastas, uma pega mais repousada, com os tempos de execução bem estabelecidos, e com uma boa base técnica.

Finalmente, não seria correcto terminar esta breve alusão à evolução dos forcados, sem mencionar alguns nomes, que devido à sua brilhante actuação, são já uma referência em termos da história da forcadagem: Carlos Grave, Nuno Megre, Pedro Mascarenhas e Luis Gameiro, são apenas alguns, ainda que muitos outros fossem igualmente dignos de menção.



Forcado



HISTÓRIA DE VIDA

Pedro Figueiredo

31 anos de idade | Cabo do Grupo de Forcados Amadores de Santarém

O Pedro, nasceu na Idanha-A-Nova, no seio de uma família numerosa, onde os touros são tradição. Pelo menos, do lado do pai, que também foi forçado antes de se casar, assim como três dos seus dez irmãos. Já sua mãe, apesar de gostar da festa, nunca viu com bons olhos a entrega dos filhos a artes tão perigosas, razão pela qual o rapaz só começou nestas lides, quando foi estudar para Évora. Tinha, então, dezasseis anos, e acabava de iniciar a faculdade, quando entrou para o Grupo de Forcados Amadores de Santarém, onde rapidamente se integrou.

Segundo me explica, esta integração nem sempre é fácil, pois há indivíduos que não podem fazer parte de um grupo de forçados, como os arruaceiros por exemplo. Razão pela qual, antes de admitir novos forçados, é necessário um período de convívio, pois tão importante quanto aprender a arte de pegar touros, é integrar-se no grupo, e fazer com que todos se sintam em família.

Algo que sucedeu com ele, desde o momento em que entrou no grupo de Forcados de Santarém, onde completa agora a sua vigésima temporada. Desde 1987 até 2000, integrou o grupo como forçado, e a partir de 2002, começou a dirigi-lo como cabo, cargo para o qual foi escolhido por unanimidade. Contas feitas às pegas, em que já participou, como ajuda, rabejador, cara e cernelheiro, são mais de quinhentas, as ocasiões em que valentemente arriscou ou viu arriscar a vida, e em que soube



Forcado



demonstrar toda a valentia e arte dos forçados, em geral, e deste grupo em particular. Pergunto-lhe se sofreu alguma colhida. – Não. Felizmente não. Como fazia muito desporto, nunca fiquei com nenhuma mazela. Foram sempre coisas pequenas. Roturas de ligamentos, e pequenos arranhões que se curaram por eles. Levei muita porrada. Mas felizmente, tive sorte, porque tenho amigos que estão todos partidos e cheios de problemas... mas mesmo assim, sabe qual é a sítia maior tristeza? Não podem pegar!

TERMOS PRÓPRIOS DO OFÍCIO

Aguardar
 «uma das regras para efectuar a pega. Consiste em fazer um compasso de espera. Forar, depois do touro arrancar.

Cabrestos
 «bois mansos e castrados que se vem de guia aos touros.

Cabo
 «responsável pelo grupo de forçados. Decide quem se farda, quem entra em cada pega, e qual a posição que deve ocupar, entre muitas outras funções.

Cite
 «diálogo que o forçado da cara trava com o touro, quando o incita, e que marca um dos momentos essenciais da pega: mandar.

Esticar
 «quando o forçado recua, o touro começa a esticar-se. Perde brutalidade e a pega fica facilitada.

Humilha
 «utiliza-se para classificar o comportamento do touro. O touro que humilha é nobre, ou seja, baixa a cabeça para marar, comportamento que facilita a pega.

Pega de cornelha
 «é um dos vários tipos de pega que existem. É efectuada apenas por dois forçados.

O cornelheiro e o rabejador. Consiste em pegar o touro pelo fombo, colocando o pegador (cornelheiro) um dos braços no sítio da cruz ou cornelha, enroando o outro (rabejador) agarra o touro pelo rabo.

Forcado da cara ou cara
 «o forçado que incita o touro.

Primeiro ajuda
 «o forçado situado imediatamente depois do cara.

Segundos ajudas
 «são dois forçados situados lado a lado para ajudar ao encaxe do cara.

Rabejador
 «o forçado que agarra o rabo do touro com o objectivo de o melhor situar para consumir a pega. Tem a função de guiar o touro e de o parar.

Templar
 «é uma das regras para efectuar a pega, e consiste em recuar na velocidade certa quando o touro arranca.

Terceiros ajudas
 «são três forçados que estão situados no final da fila e cujo objectivo é amparar e amortecer.

Trincheira
 «muro ou tapume que circunda a arena numa pega de touros.

Um Dia com os Forcados

A praça do Campo Pequeno, é o local escolhido para acompanhar um grupo de forcados, e sentir toda a adrenalina deste hobby, que sem ser profissão, tem sangue português.

Selecionei um grupo com tradição, e encontro-me com o Grupo de Forcados Amadores de Santarém, cuja história remonta a 1915, às oito da noite, num andar situado mesmo ao lado da Praça do Campo Pequeno. Pouco a pouco, começam a chegar os rapazes que integram o grupo, cerca de trinta, acompanhados das respectivas namoradas, e rapidamente, o apartamento fica pequeno para tanta gente jovem. A maioria, na casa dos vinte, ainda que haja também alguns menores de idade. Intrigada pela sua presença, pergunto ao cabo se é obrigatório ter autorização dos pais para que possam entrar na praça. – Não. Não é preciso. Já os conheço e sei se são capazes... e isso basta!

Explica-me, então, que os forcados têm, durante o Inverno, vários treinos, nos quais lidam novilhos e vacas, aplicam a teoria, aperfeiçoam a técnica, e demonstram se têm ou não garra para vencer as adversidades.

Convém lembrar, que esta é uma arte onde os acidentes podem, sempre acontecer, pelo que é imprescindível aceitá-los desde o início, sendo, exactamente, nessa su-peração, que os forcados encontram força para enfrentar uma e outra vez o perigo. Sem medo, mas com muito respeito e profissionalismo.

Entretanto, o cabo começa a chamar os rapazes para a fardamentia. A expectativa é enorme, já que ninguém sabe se vai ser escolhido. Hoje, e atendendo a que a corrida tem dois grupos de forcados, apenas se podem fardar, no máximo, dezoito elementos, e no mínimo, doze. A ansiedade aumenta, e só o cabo conhece a lista que elaborou depois do sorteio, ainda que a decisão final sobre quem vai entrar na praça, seja tomada durante a corrida, enquanto o toureiro crava os ferros, e o touro deixa adivinhar o seu comportamento.

Entre os rapazes, surgem expressões de orgulho e de desânimo, a medida que a lista é conhecida. A varanda, amontoam-se as raparigas, que tentam ocupar o tempo da melhor forma possível. Falam dos cursos que frequentam, e das férias que já passaram, alheadas do nervosismo que os rapazes vivem no outro lado da sala. A sua presença é uma constante em todas as corridas, pelo que pergunto a uma delas, se sente medo quando vê o namorado à frente do touro. – Ele anda nisto porque gosta, e eu tento não pensar demasiado. Mas, às vezes, quando lhe acontece alguma coisa, passo muito medo. Outras vezes, sinto um orgulho enorme. Depende. Há pouco,





tempo fez um corte no queixo que levou dezasseis pontos. Punha água na boca e saía-lhe pelo outro lado. Já está todo cozido. No outro dia fizemos as contas, e em pouco mais de dois anos, já levou mais de quarenta pontos.

O comentário é feito sem mágoas. Aliás, os forçados com quem falei, referiram-se às suas lesões sem qualquer rasgo de aflição. Sem darem importância à dor. Como se ela fosse a prova da sua valentia.

Nove da noite. É hora de recolher aos quartos para fardar. Começam os rituais. A farda não pode ser colocada em cima da cama. A primeira meia a vestir, deve ser a direita e só depois a esquerda. Há quem atire o barrete para o chão enquanto se farda e há também quem o morda. Superstições para todos os gostos. Depois de fardados, vêm para a sala à procura de espaço suficiente para aplicar as respectivas faixas. Dividem-se em grupos de dois. Colocam-se em extremos opostos, e um deles começa a enrolar-se numa ponta, enquanto o outro puxa e solta a faixa, com o objectivo de proteger, devidamente, o abdómen do companheiro.

Faltam apenas alguns minutos para as vinte e duas horas, quando o grupo abandona o andar e se dirige para o pátio de quadrilhas, onde, depois de cumprimentar cavaleiros e capinhas, vai à capela para a última oração antes da pega.

Na praça, cerca de sete mil pessoas aguardam, expectantes, a entrada dos toureiros e dos dois grupos de forçados. Começam as cortesias, com as apresentações de cavaleiros, capinhas e forçados. À direita, oito elementos do grupo mais antigo, o da capital ribatejana, e à esquerda, o de Coruche. Segundo as regras, o grupo mais antigo tem direito ao primeiro touro, alternando os restantes com o segundo grupo. Como tal, hoje, o grupo de Santarém, pegará o primeiro, terceiro e quinto touros da noite.

O público, aplaude entusiasticamente, enquanto aguarda o início da festa, e os que vão sair à arena esperam ansiosos atrás da trincheira. O dia já vai longo para os forçados, que depois de um dia de trabalho, cada um nos seus afazeres, aguardam a ocasião para demonstrar o seu domínio da arte de seduzir e mandar. Momento heróico e trágico, em que a arte se associa ao perigo, e a vida se confronta com a morte. Tudo a postos. Sai o primeiro touro. Quatrocentos e sessenta e seis imponentes quilos, e cinco ferros em pouco mais de vinte minutos. O toureiro abandona a praça, e os forçados entram em acção. Do lado de cá da trincheira, benzem-se, e saltam das tábuas em grande estilo. Começa a faena. O cara, avança na direcção do touro. Coloca o barrete, ajeita a jaqueta e começa a mandar. Os restantes elementos adoptam as respectivas posições. O primeiro ajuda, mantém uma certa distância. Os segundos vêm logo depois, lado a lado. E, finalmente, o rabejador e os terceiros ajudam. O cara aguenta, o primeiro ajuda rectifica a posição, assim como os restantes. O biclo al-



ranca, e o cara começa a templar. É um touro nobre que humilha bem. A pega é um êxito e tudo corre de feição.

Terceria pega. Quinhentos e vinte majestosos quilos, e um touro que só quer é tábuas, o que significa que teve muito capote e já está cansado. O animal, que apresenta sete bandarilhas, algumas em posição algo preocupante, por poderem ferir os forçados na cara, insiste em manter-se junto às tábuas do lado oposto. O cara, manda uma e outra vez, mas ele não responde. Bate as palmas e avança em repetidas ocasiões. Aproxima-se de tal forma, que o público, já assustado, lhe pede que recue. Mas ele, insiste na estratégia, e de repente, o bicho avança como uma flecha, deixando-lhe pouca margem para templar. A pega é um sucesso, e o público aplaude efusivamente enquanto suspira de alívio.

Quina e última pega do grupo. Quinhentos e quarenta e dois quilos, que entram na arena como uma verdadeira bala. Fico a imaginar o impacto que o bicho provocará, quando for recebido de braços abertos, sem qualquer amorteedor. Por isso, quando vejo os forçados saltarem para a arena, e o cara a colocar o barrete, fico estupefacta. Um rapazinho de tenra idade, estatura média e fraca constituição. Ouço os comentários do público, e até do capinha, que não acreditam que o rapaz dê conta do recado. – Vai pelos ares logo à primeira, comenta um senhor com ar de entendido, mesmo atrás de mim. O cara, começa a mandar todo despenhado. Mãos nas ancas e barrete bem enfiado. Efectua os movimentos cara a cara, chamando a atenção do touro num cite com muita torelia (manda). O animal arranca pronto, o cara aguenta (para). Recua de seguida (templa) e encaixa-se de tal forma, que até parece fazer parte do corpo do bicho. Magnífico. Sinto perfeitamente a entrega do forçado, e fico sem palavras para descrever tanta habilidade. O público está eufórico, e levanta-se para aplaudir a sua arte. Uma e outra vez. O espectáculo é tal, que quando o puto dá a volta à praça, até parece já ter crescido!

No dia seguinte, ligo ao Cabo para dar os parabéns por tão maravilhosa actuação, e é com surpresa, que fico a saber que um dos forçados fracturou uma tibia, fractura que implicará dois meses de recuperação, e outro, fez uma ruptura de ligamentos no pé. No entanto, e segundo me informa, são contratempos aos quais os rapazes não dão importância. Estão felizes pelo êxito das pegas, e o seu maior desejo, é recuperarem o mais depressa possível para poderem voltar a fazer aquilo de que mais gostam: pegar touros!

Marisqueiro



O Marisqueiro

O dicionário define "marisca" como "apanhar mariscos"; e "marisqueiro" ou "mariscador", como "aquele que marisca", entendendo-se assim que a actividade engloba a apanha de qualquer tipo de marisco, o que nem sempre acontece. E, se por um lado, existem marisqueiros que apanham, de facto, vários tipos de marisco e até de peixe, a verdade é que nem todos têm preparação física e técnica para o fazer, para além de que, no seu dia a dia de trabalho, cada marisqueiro tende a especializar-se na apanha das espécies mais abundantes da sua região. E, assim sendo, não será exagerado falar em determinadas especializações, das quais o "percebeiro" é um bom exemplo. O significado da palavra, ainda não consta das enciclopédias, mas quem trabalha no mar, conhece-o como "aquele que se dedica à apanha de percebes", sendo esta, sem dúvida, uma das formas mais arriscadas de ganhar a vida.

Os percebeiros, são os alpinistas do mar, em constante luta com as ondas que não lhes facilitam o assalto às rochas, e o roubo das unhas carnudas e succulentas. Mas é com elas que ganham o pão das suas vidas, um pão arduamente conseguido, já que em cada fenda, fuma ou buraco, as arriscam heroicamente. E por isso, que nem todos podem ser percebeiros, remontando a tradição e herança desta singular forma de vida, aos ho-